

5

Conclusão

Podemos ver, na refutação do tempo, a forma comum de todas as paixões humanas. Todo desejo é guiado pelo remorso deixado por um conhecimento perdido, que precisa ser recuperado a qualquer custo. Assim, a consciência humana é uma consciência de ausência: pensar naquilo que ela compreende a leva a pensar naquilo que lhe escapa.

Nossa consciência é limitada, está condenada a experimentar uma coisa de cada vez. Ao mesmo tempo, ela contém algo de infinito e quer sempre ultrapassar o que compreende. Sente, a todo tempo, seus limites e estes apontam para algo de ilimitado, algo que está além dela mesma.

A grande ambição humana é superar esta ausência, é tornar todas as coisas presentes ao mesmo tempo, é superar a seqüencialidade da consciência. A presentificação do todo, seria uma fuga da fragmentação temporal, uma participação no eterno que, para nós, é impossível. O eterno não pode ser concebido por nós sob outra forma que a da ausência. A eternidade está além de nossa compreensão porque nossa condição de existência é o tempo: não é uma promessa divina, mas um sonho desesperado. A negação do tempo é impossível, ainda que possa ser vislumbrada através da atmosfera irreal da literatura fantástica. A recusa do tempo só pode engendrar sonhos, desejos irrealizáveis e incompatíveis com o mundo.

Mas a eternidade não é mero resultado de um sonho. É também uma exigência racional. A mente não pode conceber a mudança. Também não é capaz de imaginar o início ou o fim das coisas, não pode supor que algo surja do nada ou que deixe de existir. Nossa razão precisa sempre encontrar, no seio da mudança, a permanência. Só podemos compreender a mudança através das repetições e dos retornos, que revelam que o tempo pode ser regido pelo eterno.

A eternidade é a condição primordial do pensamento: a própria percepção se baseia em uma crença na permanência das coisas e na unificação das propriedades que formam cada objeto. A razão requer a negação do tempo, pois o tempo separa as coisas. As relações de causa e efeito não conectam os eventos, pois jamais

contemplamos a mudança: só podemos contemplar os estados distintos que resultam da mudança.

A eternidade é a condição do pensamento, mas, por isso mesmo, não pode ser pensada, está além do pensamento. O pensamento precisa crer na permanência para funcionar e para engendrar a ação; mas jamais pode questionar por que funciona dessa maneira; tem de aceitar que essa é sua condição de existência para agir. A eternidade está sempre um pouco antes do pensamento, este não pode abarcá-la. Para agir, nossa consciência precisa renunciar ao eterno, o que significa, simultaneamente, aceitá-lo como exigência racional. A busca pelas origens do pensamento está fadada ao fracasso, porque o pensamento não pode pensar sobre si mesmo. O pensamento é um labirinto sem saída e o eu está preso neste labirinto. Sair do labirinto significa não mais ser um eu, não ter mais percepção, não pensar. O labirinto é a forma de existência do pensamento: ele existe a partir do centro eterno e jamais pode encontrá-lo, porque encontrá-lo significa diluir-se, escapar ao labirinto.

Nossa tarefa é, sobretudo, conformar-nos com o fato de que a eternidade jamais pode ser objetivo, é somente o ponto de partida. O espírito é aquilo a partir do qual se conhece : é, por definição, incognoscível. Para sobrevivermos como homens – e essa é a única possibilidade de existência que temos – precisamos aceitar que a eternidade não pode ser conquistada, que está além das possibilidades do eu. Ela é o que está por trás da máscara do eu, o que jamais pode vir à tona sem dissolvê-lo.

Para viver, é preciso aceitar a irreversibilidade da morte: uma vida infinita, eterna, não seria uma vida, resultaria em uma incapacidade de realizar uma ação que fosse. A eternidade estaria diante de nós, mas precisamos que ela seja posta para trás, para que possamos nos voltar para o tempo, aceitar que ele passa e que é preciso que estejamos inseridos nele. A eternidade não pode ser a finalidade da ação porque a finalidade da ação precisa ser pensada e o que é transcendente não pode ser pensado.

Por um lado, o tempo é uma prisão, sua negação é inconcebível e somos obrigados a viver dentro dos seus limites. Nossas paixões e desejos apontam para uma realidade menos fugaz e múltipla. A prisão do tempo é também a prisão do eu, ambas resultando em uma mesma angústia. A eternidade, neste caso, é uma ilusão, uma liberdade almejada, mas impossível. É um maravilhoso artifício de

que os homens podem lançar mão e que aparece, em Borges, especialmente nos poemas.

Por outro lado, temos a exigência racional da unidade e os paradoxos que implicam o caráter ilusório do tempo. O tempo não é cognoscível racionalmente, a eternidade é uma verdade necessária, sem a qual o universo é um caos que não pode ser compreendido. Ainda que seja a única resposta, a eternidade é impossível, é mais uma fonte de angústia. Este aspecto aparecerá como fundamento de diversos contos e será analisado, mais explicitamente, nos ensaios de Borges.

Como síntese das duas etapas anteriores, temos a aceitação do tempo e a renúncia ao eterno. Se tempo e eternidade são impossíveis, a eternidade é ainda mais distante que o tempo; é uma verdade exterior aos homens, algo essencialmente incognoscível pelo sujeito. Se a questão do tempo é insolúvel, ela não deixa de ser o nosso desafio, aquele que contém o do sujeito, que nos contém. O tempo, como defendeu Ricoeur, torna-se humano através da narrativa. Aceitar o tempo é a única maneira de viver como sujeito, é a única saída possível. Em “A escrita do Deus”, Tzinacan recebe os segredos do universo quando aceita sua prisão. Aceitar nossa condição é a melhor maneira de decifrá-la. Daí a supremacia do labirinto, do enigma sobre a solução.

Sabemos que Borges filosofava através de sua escrita, de seus personagens e de sua estética. A literatura, para ele, foi uma forma de aceitar e compreender o enigma do tempo; foi também a maneira menos pobre de vislumbrar a inconcebível eternidade. E, portanto, as facetas do desejo de eternidade configuraram também sua produção literária: refutar o tempo concreto e virar-se para a eternidade ilusória; buscar o eterno e torná-lo uma exigência racional ou um fim digno para o problema do tempo; aceitar o tempo como enigma e renunciar ao todo inalcançável.

Não é à toa que sua relação com a eternidade tenha sido tão ambígua: o desejo de eternidade, paradoxalmente, inclui a renúncia ao conceito. Simultaneamente, o mais perto que podemos chegar do eterno é aceitando nossa temporalidade. O eterno está no efêmero, está ao alcance de nossas mãos. Cada ponto do múltiplo contém o todo, a unidade está na multiplicidade. Esta é a única forma de compreender o universo sem recorrer à fantasmagoria de um mundo das idéias. As coisas estão aqui, são imanentes, mas são também transcendententes,

porque são indefinidas: não podemos tocar uma coisa sem tocar todo o universo. A eternidade é um desejo que só se completa com a renúncia à eternidade.

Podemos pensar que infinito e eternidade são dois inimigos que bem ou mal convivem na obra de Borges. O infinito é o corruptor da realidade, é o que torna tempo e espaço ilusórios, o que torna o eu incognoscível; a eternidade é o que fundamenta a realidade, o que justifica o tempo e o espaço, o que dá fim à questão do eu.

Mas podemos também pensar que o eterno está no infinito, porque, na série infinita de Borges, todos os termos são o mesmo. Cada termo implica todos os outros, a origem de tudo é comum. O fato de estarmos destacados desse todo, de percebermos as coisas de maneira fragmentada, constitui a ilusão própria da subjetividade. A eternidade está no infinito, está no labirinto, é o centro que atrai todo o resto.

Labirinto e centro são duas faces da mesma moeda. Compreender isso é renunciar à eternidade, é aceitar o tempo. O tempo é a imagem móvel da eternidade, flui em direção ao eterno. Nós caminhamos para a morte, para a eterna contemplação dos arquétipos. Mas a existência do sujeito precisa também ser aproveitada, ainda que seja uma fonte de angústia. O tempo é a única maneira que o sujeito tem de conhecer o eterno. É uma eternidade pobre e fragmentada, mas é a única possível e se torna menos opressiva quando a aceitamos.

O tempo é, sob todos os aspectos, ilusório. Passado, presente e futuro são tão incompreensíveis quanto a eternidade. Viver no tempo é como viver em um sonho em que nada é necessário, tudo é fruto do acaso e da contingência. Mas isso pode ser uma liberdade: podemos pensar sem compromisso, podemos escrever tratados filosóficos na forma de contos fantásticos, analisar textos apócrifos.

A ausência de uma verdade, o fato de a eternidade ser incognoscível, é um alívio. O homem está solto, sua imaginação não é menos incrível que a realidade. Pode dizer tudo e tudo o que disser será tão verdadeiro e tão falso quanto o universo.

Por isso também, a melhor maneira de decifrar o universo é a literatura. Ambos, literatura e universo, são inexplicáveis e impossíveis, ambos são contingentes e inúteis. A linguagem realiza no plano humano o que é o universo no plano divino. Cria um todo em que cada parte contém o todo, ainda que prescindida do resto para contê-lo. Não há objeto no mundo que o possa substituir;

nem palavra em um texto que o valha. Mas, inserido no todo, o objeto torna-se um todo, assim como a palavra.

Se a palavra não pode explicar o universo, pode multiplicá-lo. A multiplicidade é terrível porque não explica, mas é também maravilhosa, é a condição de nossa existência, o que nos torna vivos, o que nos faz pertencer ao mundo.

Borges ama e rejeita o labirinto, ama e rejeita a eternidade; também ama e rejeita o sujeito, os livros, as palavras. Amar e rejeitar constituem a relação possível com as coisas. São os dois lados do paradoxal desejo que fundamenta a ação humana: o de eternidade.